

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmiento

MUSEU DE MARTINS SARMENTO.

PINTO, R. de Serpa

Ano: 1929 | Número: 39

Como citar este documento:

PINTO, R. de Serpa, Museu de Martins Sarmiento. *Revista de Guimarães*, 39 (1-2) Jan.-Jun. 1929, p. 27-43.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmiento, 51
4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmiento.uminho.pt

URL: www.csarmiento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

Museu de Martins Sarmiento

III. Terra sigillata.

Apesar-de muito freqüentes em Portugal os achados da característica *terra sigillata* em estações lusu-romanas, está ainda por fazer o inventário científico dos vasos, fragmentos ornamentados e marcas de oleiro dispersos por várias colecções (1). Contudo o interesse desta cerâmica é muito grande pelas indicações cronológicas e comerciais que fornece, considerando-a Oswald e Pryce sob este ponto de vista logo a seguir às inscrições.

Sucede por exemplo que, à falta de inscrições ou referências históricas, a primitiva ocupação romana de Londres é esclarecida pelo estudo da *terra sigillata* (2).

Emprega-se a designação *terra sigillata*, introduzida em 1895 no vocabulário arqueológico por Dragendorff (3), para nomear todos os vasos de verniz

(1) E. Hübner retiniu no *Corpus Inscriptionum Latinarum* (abrev. C. I. L.), vol. II e II Supplementum, uma lista, salvo erro, com 33 nomes de oleiros encontrados em Portugal, faltando-lhe infelizmente indicações técnicas. O Sr. Dr. J. Leite de Vasconcelos descreveu numerosos achados em: *De Campolide a Melrose*, p. 29 segs. Lisboa, 1915; e com outros autores em *O Archeólogo Português*. No jornal «A Palavra» (Pôrto, 13-II-1928), numa nota sobre *A cerâmica arretina*, identificámos marcas de Briteiros, Fiães, etc.

(2) T. Davies Pryce and F. Oswald — *Roman London: Its initial occupation as evidenced by early types of Terra sigillata*. Sep. de *Archaeologia*, vol. LXXVIII, Oxford, 1928.

(3) Hans Dragendorff — *Terra sigillata*. Ein Beitrag zur Geschichte der griechischen und römischen Keramik. Bonner Jahrbücher. Heft XCVI u. XCVII, p. 18-155 e Heft XCIX, p. 54-163. Bonn. 1895-1896. Este artigo é um desenvolvimento da tese

vermelho, quer de origem itálica, quer provincial, e ainda os de outra côr relacionados com êles pela forma ou técnica, segundo a generalização de Déchelette (4).

Pôsto que êste nome seja só parcialmente correcto, pois nem todos os vasos são sigilados (2), é preferível às designações impróprias de *samia* (3) ou *barro saguntino* (4), e mesmo a de *cerâmica arretina* que indicava a sua origem, pois as fábricas gau-

do autor *De vasculis Romanorum rubris capita selecta*. Bonn. 1894. A pag. 18 do primeiro artigo diz: «Ich werde diese mit einem unantiken, aber weit verbreiteten Namen als «Terra sigillata» bezeichnen, hingegen die häufig gleichwerthig damit verwendete Benennung «Arretinische Vasen» nur für die wirklich in Arretium gefertigten gebrauchen».

A designação parece ter origem anterior. Cf. S. Reinach, *Catalogue du Musée de St. Germain-en-Laye*, vol. II. Na sala M do Museu do Louvre vimos em Setembro de 1928 comprimidos de terra de Lemnos empregados na medicina antiga, e ainda em uso no séc. XVII, tendo um dêles a inscrição: *terra sigillata*.

(1) Joseph Déchelette — *Les vases céramiques ornés de la Gaule romaine*. I, pág. 19. Paris. 1904. Em abrev. Déchelette.

(2) Felix Oswald and T. Davies Pryce — *An Introduction to the study of Terra sigillata treated from a chronological standpoint*. p. 3. London. 1920. Abrev. Oswald-Pryce. A impropriedade consiste em generalizar a designação de *sigillati* (de *sigillum*, sêlo) a vasos que não teem marca de oleiro ou não são moldados.

(3) Déchelette (I, p. 9) transcreve esta passagem de Plínio (Hist. Nat. XXXV, 46): «On cite la poterie de Samos comme excellente pour la vaisselle de table. La même vogue appartient à Arretium en Italie, et pour les coupes seulement à Sorrentum, à Asta, à Pollentia, à Sagonte en Espagne, à Pergame en Asie». A louça de Samos não está identificada, segundo Oswald-Pryce.

(4) Os vasos de Sagunto são mencionados, além de Plínio (nota anterior), por Juvenal e Marcial. Cf. Hübner. *C. I. L. II*, p. 512; A. Schulten. *Hispania*. p. 77. Barcelona. 1920.

Lumières ante a abundância de cerâmica envernizada recolhida em Sagunto não hesitou em chamar-lhe *barro saguntino*. Até agora porém não se encontraram vestígios de olarias saguntinas, apesar de se conhecerem noutros pontos de Espanha. Os oleiros representados em Sagunto e na costa mediterrânea são arretinos e rutenos. Déchelette. I, p. 16 e 111; Cazurro. *Terra sigillata*: Los vasos arretinos y sus imitaciones galo-romanas en Ampurias. Anuari de l'Institut d'Estudis Catalans. Barcelona. 1900. Cit. por R. Mélida; Pierre Paris — *Bull. Hispanique*. XV, p. 137, 1913; P. Paris — *Rev. Archéologique*. XI, 2, p. 71. Paris. 1920; Prof. José Ramon Mélida — *Arqueologia Española*. p. 374 segs. Barcelona. 1929.

lesas alcançaram tal importância que na primeira metade do séc. I de J. C. inundavam o mundo romano, exportando mesmo para Itália (1).

A cerâmica de **Aretium** e das outras fábricas itálicas (Módena, Puzolas, Rímimi, Sorrento, etc.) é típica da época de Augusto, durando a sua produção do séc. I a. J. C. aos comêços do séc. I de J. C. (2).

Para Oswald-Pryce (3) é certo que ao tempo da subida ao poder de Cláudio (41 de J. C.), tinha acabado a exportação da cerâmica italiana para as províncias como um produto contemporâneo.

Encontram-se em Portugal as *figlinae arretinae* nas seguintes localidades: Alcáçen do Sal, Alcoutim, Briteiros, Tórre d'Ares, etc., mas são suplantadas pelas dos oleiros rutenos.

As estampilhas dos oleiros arretinos apresentam frequentemente os *tria nomina*, ou o nome do proprietário e dos seus escravos, escritos em geral em duas linhas dentro de cercaduras rectangulares, circulares, *in planta pedis*, etc., acompanhados de palmas e outros ornatos, que permitem distingui-las das marcas provinciais (4).

As fábricas rutenas de **La Graufesenque** (*Condatomagus*) começam provavelmente a trabalhar na segunda década do séc. I de J. C., produzindo até ao fim deste século com oleiros emigrados de Itália e outros indígenas. Na segunda metade do séc. I La Graufesenque é o centro mais importante do Império Romano, e a partir de 70 de J. C. trabalha em concorrência com

(1) Déchelette, I, p. 18 e 66.

(2) Saglio. *Dict. des antiquités*. Vol. V, p. 661, s. v. *Vasa*, artigo de C. Dugas e E. Pottier; Oswald-Pryce, p. 4; W. Deonna. *Marques de potiers et graffiti sur les vases romains à glaçure rouge trouvés à Genève*. Pro Alesia, XI, n.º 41-42, p. 18. Paris. 1925. Em abrev. Deonna.

(3) T. D. Pryce and F. Oswald — *Roman London*, etc. *Archaeologia*, vol. LXXVIII, p. 74, 99. Oxford. 1928.

(4) Dragendorff — *Ob. cit.* p. 42; Déchelette, I, p. 12; H. B. Walters — *Catalogue of the roman pottery in the department of antiquities*. *British Museum*. p. XVIII. London. 1908. Em abrev. Walters; Oswald-Pryce, p. 47; R. Cagnat, et V. Chapot — *Manuel d'Archéologie Romaine*, vol. II, p. 447-448 e fig. 642. Paris. 1920 (tem um lapso); Deonna, p. 21.

Lezoux, a cujo desenvolvimento se deveu o declínio das *officinae* rutenas (La Graufesenque, Montans e Banassac) (1).

A maioria das estampilhas da *terra sigillata* encontrada em Portugal são de La Graufesenque, registando-se em: Alcácer do Sal, Azinhal, Briteiros, Condeixa-a-Velha (*Conimbriga*), Faro, Fiães da Feira, Milreu, Molião, Torre d'Ares, Tróia de Setúbal, etc.

Pôsto que **Lezoux** (*Ledosus*), no território dos Arvernos, já fabricasse provavelmente sob Cláudio (41-54 de J. C.), a sua exportação só se torna apreciável no comêço do séc. II. O apogeu é atingido sob Vespasiano, trabalhando até 260 de J. C. A data da destruição das oficinas pela invasão dos bárbaros germânicos, é dada por moedas de Galieno e Salonina encontradas nas ruínas (2).

Em Portugal são por ora raros os achados de cerâmica arverna marcada, conhecendo-se talvez em Alcácer do Sal e Tróia de Setúbal.

Com o abatimento das manufacturas rutenas e o desenvolvimento das arvernas, surgem pouco a pouco as fábricas da Gália Oriental e da Renânia (Blickweiler, Eschweilerhof, Heddernheim, Heilingenberg, Ittenweiler, Rheinzabern, Trèveros, Westerndorf, etc.), em que trabalham a principio oleiros de La Graufesenque e de Lezoux, substituídos depois pelos indígenas, como mostra o exame das marcas (3).

Assim **Heilingenberg** começa a produzir *terra sigillata* no fim do reinado de Domiciano (81-96 de

(1) Déchelette, I, p. 66; Walters, p. XXX; Oswald-Pryce, p. 13; Deonna, p. 32; Dr. Félix Oswald — *Cursive writing of gaulish potters*. Sep. do *Journal of Roman Studies*. vol. XVII, part 2. London, 1927; T. D. Pryce and F. Oswald — *Roman London* etc. *ob. cit.*

(2) Déchelette, I, p. 138; Walters, p. XXXIII; Oswald-Pryce, p. 16; Deonna, p. 54.

(3) R. Knorr — *Die Terra-sigillata Gefässe von Aislingen*. Dillingen, 1913 (campo romano do séc. I); R. Knorr und Fr. Sprater — *Die westpfälzischen Sigillatöpfereien von Blickweiler und Eschweiler Hof*. Speier am Rhein, 1927. V. Bibliografia completa até 1920 em Oswald-Pryce. As obras citadas neste artigo foram consultadas nas Bibliotecas: Municipal do Pôrto, do Museu de St. Germain-en-Laye e particular.

J. C.), e termina na segunda metade do séc. II suplantada pelas fábricas de Rheinzabern (4).

No comêço do séc. II aparecem as manufacturas de **Rheinzabern** (*Tabernae Rhenanae*), em que Reubel distinguiu várias fases, sendo de vasos lisos a produção final, que não entra muito no séc. III (2).

Citados resumidamente os principais centros provinciais de produção de *terra sigillata*, cabe a vez aos peninsulares, ainda pouco conhecidos, e cujo estudo se deve principalmente a D. Juan Serra-Vilaró (3).

Segundo êste illustre arqueólogo as oficinas lace-tanas de *terra sigillata* pertencem à segunda metade do séc. I, sendo o barro indígena amarelado, pouco cozido e menos fino que o estrangeiro, e o verniz mate.

Pareceu-nos reconhecer cerâmica sigilada de Solsona em alguns fragmentos decorados de Briteiros e num vaso do Monte da Searinha (Freixo, Marco de Canavezes), conservados no Museu de Martins Sarmento (4).

Em Espanha, segundo Vilaró e Mérida, descobriram-se olarias em: *Abella*, *Cardona*, *Mérida*, *Peña de la Sal* (Córdova), *Reus* e *San Martí Sarroca* (Catalunha), e *Solsona*.

As marcas de oleiro são muito freqüentes nos sécs. I e II, estampadas sobretudo na parede interior do fundo dos vasos lisos (*vases unis, plain ware*).

As estampilhas provinciais apresentam diferenças características das arretinas. Em geral só figura nelas o *cognomen* do fabricante: em nominativo com ou sem a menção *fecit* (F, FE, FEC ou FECIT); ou em

(1) R. Forrer — *Die römischen Terrasigillata-Töpfereien von Heilingenberg-Dinsheim und Ittenweiler im Elsass*. Stuttgart. 1911; Oswald-Pryce, p. 21 e 206.

(2) Dragendorff — *Ob. cit.*, p. 105; Déchelette, I, p. 210; Walters, p. XXXV; Oswald-Pryce, p. 23; Deonna, p. 61.

(3) Juan Serra Vilaró — *Estación ibérica, termas romanas y taller de «terra sigillata», en Solsona*. Madrid, 1924; Anuari de l'Inst. d'Est. Catalans. 1911-12, p. 684 (Abella).

(4) Cap. Mário Cardozo — *Citânia e Sabroso. O Século*. Lisboa. 19-IV-1929.

genetivo com as designações *officina* (O, OF, OFFIC e EX OF) ou *manu* (M ou MANV) (1).

Os vasos ornamentados parece terem sido imitados a princípio de produtos de torêutica, e as suas figuras têm grande importância por reproduzirem muitas vezes peças de estatuária, algumas das quais desaparecidas.

A técnica seguida nas diferentes manufacturas é conhecida por numerosos moldes de barro; havendo ainda além dos vasos moldados outros com a decoração incisa, estampada e aplicada (*à la barbotine*).

Dragendorff atribuiu uma designação numérica a 55 formas de vasos sigilados, compreendendo de 1 a 14 os produtos itálicos e de 15 a 55 os provinciais. Esta divisão mantém-se, observando Déchelette que o tipo 11 é comum a ambos os centros. Déchelette ampliou a classificação anterior com os vasos ornamentados das formas 56 a 71; Walters descreveu 81 formas, etc. (2).

Oswald e Pryce seguem as numerações empregadas para os vasos ornamentados por Curle, Déchelette, Dragendorff, Hähnle, Knorr, Loeschcke, Ludowici, Ritterling e Walters. Para os vasos lisos (*plain-forms*) descrevem 32 tipos, seriando formas estabelecidas por Curle, Dragendorff, Ludowici, Ritterling e Walters, figurando-as admiravelmente com tôdas as variantes nas ests. XXXVIII a LXXIV da sua obra (3).

Os achados portuguezes de *terra sigillata* pertencem na grande maioria a La Graufesenque, conforme as marcas de oleiro que pudemos estudar. Convém observar que tão grande foi a exportação das oficinas rutenas que os seus produtos se encontram entre nós até ao séc. IV, como o provam os numismas e a cerâmica que os acompanham (cerâmica estampada tardia, alguma talvez já da época germânica), enquanto que os produtos arvernos são raríssimos.

(1) Déchelette, I, p. 12; Walters, p. XXVIII; Oswald-Pryce, p. 47; Deonna, p. 32 e segs.

(2) Dragendorff — *Ob. cit.*; Déchelette, I, p. 29-30; Walters, p. XXIV e ests. XLI-XLIV; Cagnat-Chapot — *Ob. cit.* p. 445-6 e fig. 640 e 641.

(3) Oswald-Pryce, p. 64 e 168.

Falta apurar a representação da sigillata peninsular e norte-africana, cujo estudo se iniciou há pouco. Serão talvez peninsulares grandes pratos lisos feitos ao tórno e de verniz particular, cuja forma sai dos moldes clássicos.

Os vasos intactos são pouco vulgares em Portugal, predominam os vasos lisos (Alcácer do Sal, Aljustrel, BaiRRal, Condeixa-a-Velha, Escalos de Cima, Freixo, Galveias, Molião, Oldrões, Portalegre, Quinta das Antas, S. Brás, etc.) e são raros os ornamentados (Alandroal, Alcácer do Sal, Alcoutim, Freixo, etc.).

Encontram-se alguns fragmentos ornamentados e grande porção dêles lisos, com ou sem marcas, em: Alandroal, Alcácer do Sal, Alcária, Alcoutim, Alferar, Alijó, Aljuber, Aljustrel, Alter do Chão, Alvarelhos, Aramenha, Arronches, Aviz, Azere, Azinhal, Bagunte, BaiRRal, Briteiros, Budéns, Campo da Trindade, Cárquere, Carregado, Chibanes, Condeixa-a-Velha, Escalos de Cima, Faro, Fiães, Freixo, Fundão, Galveias, Guifões, Lagos, Leiria, Lomba, Mangualde, Marim, Mértola, Mondim, Murtinhal, Oldrões, Ota, Outeiro de Assenta, Pinhovelo, Ponte do Sor, Portalegre, Póvoa de Varzim, Quinta das Antas, Retorta, Rio Tinto, Sacóias, Sardoura, S. Brás, S. Martinho, S. Sebastião, S. Torquato, S. Vicente do Pinheiro, S. Vitória de Extremoz, Tavira, Terronha, Tralhariz, Tróia de Setúbal, Vilarinho, Vilarinho de Cotas, etc.

No *Museu de Martins Sarmento* expõe-se sigillata com marcas de: Briteiros, Monte da Searinha (Freixo), Portalegre e S. Torquato; e alguns fragmentos de procedência indeterminada. De Atougúia (Guimarães) conserva-se no Museu um fragmento de barro vermelho, imitação de t. sigillata, com a parte posterior dum bovídeo em relêvo.

Descreveremos sucessivamente estas peças, observando que a série de Briteiros é a mais importante de Portugal.

Para o seu estudo foram de extraordinário valor as notas sugeridas pelo nosso prezado Amigo e distinto Arqueólogo Sr. Cap. Mário Cardozo, a quem consignamos o maior agradecimento. Expressimos também o nosso reconhecimento ao ilustre especialista

Sr. Dr. Félix Oswald pelas numerosas informações, muitas delas inéditas, que amavelmente nos facultou.

a) Briteiros.

Da *terra sigillata* encontrada por Martins Sarmento na Citânia de Briteiros faltam bastantes exemplares no Museu de Guimarães, pois tendo examinado 11 fragmentos com marcas, na lista que organizámos registam-se 26, quatro delas repetidas, podendo acontecer no entanto que algumas nos escapassem.

Os materiais para esta compilação foram obtidos de quatro fontes: 19 marcas lidas por Sarmento ou por E. Hübner (1); colecção de 15 fotografias de marcas citanienses tiradas por Martins Sarmento, e penhorantemente comunicadas pelo Sr. Cap. Mário Cardozo, e por último observações pessoais no Museu.

Além dos fragmentos *sigillati*, em geral fundos de vasos lisos, conservam-se no Museu de Martins Sarmento bastantes fragmentos ornamentados, cujo estudo carece de documentação gráfica e por isso fica para outra ocasião.

Registemos contudo a existência de fragmentos de *sigillata* incisa de verniz amarelado provavelmente provincial (encontrámo-la igual no Castelo de Guifões e no Museu também se guarda de S. Torquato de Guimarães); outros com ornatos circulares análogos aos da cerâmica lacetana; com fôlhas cordiformes, pertencentes talvez a vasos da forma 35 de Dragendorff, de que o Museu conserva exemplares completos de Portalegre; uma asa ornamentada, etc.

As marcas encontradas na Citânia de Briteiros podem-se distribuir, sujeitas a revisão, assim: itálicas 5; de La Graufesenque 13; ilegíveis ou incertas 6, provavelmente provinciais.

As relações comerciais de Briteiros com a Itália são evidenciadas, além da *terra sigillata*, por cerâ-

(1) C. I. L. vol. II. Supl. p. 1014 e segs. n.º 4970 Supl. e 6257; *Revista de Guimarães*, vols. XXI e XXII.

mica itálica, vasos de vidro, uma lucerna da Gália Cispadana, objectos metálicos, etc.

Deve-se aproximar da importação de produtos rutenos por via terrestre o facto apontado pelo Sr. Cap. Mário Cardozo, a quem se deve o início do estudo científico da Citânia, de grande parte dos numismas encontrados em Briteiros pertencer a cidades do vale do Ebro, que ficavam no trajecto, sendo certo que moedas e vasos foram trazidos à Citânia por volta dos sécs. I-II ⁽¹⁾.

Isto porém não exclui relações comerciais por via meridional, que já tinham tradições (cerâmica arretina, lucernas, etc.), e em que não deixaria de se fazer sentir a importância de *Augusta Emerita* (fundada em 25 a. de J. C.), capital da Lusitânia e a mais importante cidade da Espanha romana. Apoiam-no os freqüentes achados de moedas coloniais de Mérida em Portugal e até em Briteiros; e, de resto, estoura estrada comercial é sugerida por grande parte das marcas descobertas em Briteiros se encontrar também em Tarragona e outras localidades mediterrâneas.

Na lista seguinte dispusemos as marcas por ordem alfabética, dando para alguns exemplares o seu desenho (fig. 1), servindo-nos das fotografias de Martins Sarmento e apontamentos nossos.

1) — AFER (I)?

Estampilha de tipo arretino desaparecida: AFR..|..o.
Cf. *C. I. L.* II Supl. 6257, 8. Talvez seja a mesma de que se conserva uma fotografia de Martins Sarmento, onde parece ler-se: ..ACR.. | ..o...

Deonna, *ob. cit.* p. 23, menciona o oleiro itálico *Sextus Afer*, como de Arezzo.

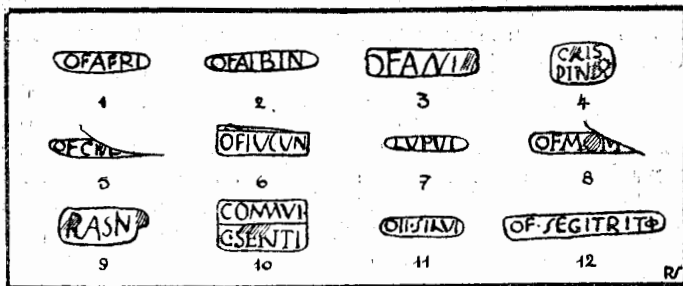
2) — AFER (II).

Estampilha alterada existente no Museu: OF.AFRI,
de que se conserva uma fotografia de Martins Sar-

(1) Cap. M. Cardozo. Art. cit.; *Revista de Guimarães*, vol. XXII, p. 100.

mento (fig. 1, 1) pela qual o Sr. Cap. Mário Cardozo a identificou. Cf. *C. I. L.*, II Supl. 6257, 6, b, e outra incompleta Id. 6257, 6, a.

Na lista das marcas encontradas pelo Ab. Cérés em La Graufesenque figura OF AFRI. Cf. Déchelette, *ob. cit.*, I, p. 82. Segundo informação do Sr. Dr.



(fig. 1)

F. Oswald a marca OF AFRI encontra-se também em Londres (Museu de Guildhall), devendo o oleiro *Afer* de La Graufesenque ter produzido sob Domiciano.

Ainda há um terceiro oleiro d'êste nome em Trêveros, no séc. II. Oswald-Pryce, p. 105, 206.

3) — ALBINVS.

Marca desaparecida segundo o Sr. Cap. M. Cardozo, mas que nos pareceu ver no Museu: OF ALBIN (fig. 1, 2), e de que há fotografia de M. Sarmiento. Cf. *C. I. L.*, II Supl., 4970, 18, b.

Há uma marca igual no Museu de Tarragona, *C. I. L.*, II, 4970, 18 b.

Déchelette, I, p. 248, n.ºs 6 e 7, indica um oleiro com êste nome em La Graufesenque e outro indeterminado. Segundo Oswald-Pryce, p. 78-94, 105, há três oleiros d'êste nome, dois em La Graufesenque (I e II) e talvez outro em Lezoux, que trabalharam nas épocas de Tibério-Cláudio (Albinus I) e Nero-Vespasiano (Albinus II). Nenhuma das marcas publicadas por estes autores, e por Deonna, p. 33, é igual à de Briteiros.

4) — ANNIVS.

Marca inédita (fig. 1, 3): OF ANI...
 No *C. I. L.*, II, p. 667, 4970, 23, estão reproduzidas seis marcas encontradas em Tarragona, com ANI OF, etc., que Hübner interpreta como do oleiro *Anius*: Em La Graufesenque Déchelette, I, p. 82, menciona, segundo a lista do Ab. Cérès, as marcas ANI e ANIAN. Entre numerosas marcas deste oleiro de La Graufesenque (Tibério-Nero), o Sr. Dr. F. Oswald comunicou-me: OF ANI de Mainz; OFF ANNI de Limoges; OF ANN de Amiens e Limoges; OFIC ANI de Bordeaux, Colónia, Mainz; etc.

Em Alcácer do Sal encontrou-se um prato com a marca de *Sextus Annius*. Cf. Dr. J. Leite de Vasconcelos, *O Archeólogo Português*. I, 85; IV, 107 e XIX, 302.

5) — AVCTVS.

Marca desaparecida: AVC... *Hermes*, XV, 1880, p. 31 e *C. I. L.*, II Supl., 6257, 26.

Comparar com outras estampilhas de *Auctus*, encontradas em Tarragona, de tipo arretino. *C. I. L.*, II, 4970, 70-74.

Segundo o Sr. Dr. F. Oswald o oleiro *Auctus*, de La Graufesenque, está representado pelas marcas: AVCTVS AVOTE de Hospitalet (Aveyron); AVCTVS de Genève; AVCTV FECIT de St. Jean (Tarn); AVC de Mainz.

Para o Sr. Cap. M. Cardozo esta marca talvez esteja confundida com um graffito de Briteiros existente no Museu.

6) — COMMVNIS.

Estampilha de tipo arretino (fig. 1, 10): COMMVI | C.SENTI, de que há fotografia de M. Sarmiento. Hübner Jeu: *Commun(is) C. Senti*, *C. I. L.* II Supl., 6257, 47; e M. Sarmiento: *Commui C. Senti?*, na *Rev. de Guimarães*, XXI, p. 55.

Como se vê na gravura, os dois M estão ligados.

7) — CRESTVS.

Estampilha inédita desaparecida (fig. 1, 5): OF CRE... (?), segundo leitura de uma fotografia de M. Sarmiento.

Outra marca: ...tio (?) existente no Museu.

Os vasos do oleiro ruteno *Crestus*, ou *Crestio* (Cláudio-Vespasiano), são dos mais frequentes em Portugal, registando-se em: Azinhal (Algarve), *C. I. L.* II Supl. 6257, 54; Fiães da Feira (observação pessoal); Milreu, *C. I. L.* II Supl. 6257, 57; e Torre d'Ares, *C. I. L.* II Supl. 6257, 55.

Comparar com marcas de Tarragona, *C. I. L.* 4970, 154. Déchelette, I, p. 268. Oswald-Pryce, p. 52, 73, 80, etc. Walters, p. 82, 110, 158, 174.

8) — CRISPINVS.

Marca desaparecida (fig. 1, 4): CRIS|PINI. O I encontra-se no prolongamento da haste do N, seguindo-se uma pequena palma e uma coroa, como se vê na fotografia de M. Sarmento. Esta marca foi publicada incorrectamente em *Hermes*, XV, p. 31, 1880 e *C. I. L.* II Supl. 6257, 61 (CRISPINVS); *C. I. L.* II Supl. 6257, 46 (Q. CIS | DINI); *Rev. de Guimarães*, XXI, p. 105-106. Segundo o Sr. Cap. M. Cardozo, estas confusões explicam-se por informações trocadas, encontrando-se um bom desenho nos Ms. de Sarmento (cad. 37, p. 61).

Oleiro arretino. Comparar com seis marcas de Tarragona. *C. I. L.* II, 4970, 156, uma delas igual à nossa; com uma de Cartago: CRISPINI. R. P. Delattre, *Musée Lavignerie de S. Louis de Carthage*, II, p. 96 e est. XXIV, 15, Paris 1899; com marcas de *Hadrumetum* (Sussa, Tunísia). Dr. Vercoutre, *Rev. Archéologique*, 3.^e série, III, 1884, p. 16 e segs.; Deonna, p. 28; com idêntica marca de Vechten, segundo informe do Sr. Dr. F. Oswald.

9) — IVCVNDVS.

Duas marcas (fig. 1, 6) conservadas no Museu: OF IVCVN e IVCVN. Cf. *C. I. L.* II Supl. 4970, 243 g, e fotografias de M. Sarmento.

Comparar com nove marcas encontradas em Tarragona, entre elas OF IVCVN. *C. I. L.* II, p. 673, n.^o 4970, 243. Muito vulgar.

Iucundus I oleiro de La Graufesenque (Cláudio-Flávio), cuja actividade se desenvolve principalmente no começo da época de Flávio. Houve oleiros deste nome em Arezzo e em Rheinzabern. Déchelette, I,

p. 83 e 277; Oswald-Pryce, p. 5, 6, 53, 81, 115, 178 e 206.

10) — LVPVS.

Marca inédita: LVPVS, por leitura de fotografia de M. Sarmento (fig. 1, 7). Segundo o Sr. Cap. M. Cardozo, existe no Museu.

Encontra-se a marca LVPVS, de La Graufesenque (Cláudio-Vespasiano), em vasos de vários tipos de Londres, Mainz, Poitiers, Troyes, Vetchen e Vichy, segundo comunicação do Sr. Dr. F. Oswald.

O oleiro *Lupus* trabalhou no terceiro período de Rheinzabern (160-200 de J. C.), segundo a classificação de Reubel, baseada no estudo de mobiliário sepulcral. Oswald-Pryce, p. 29; Walters, p. 185, 187.

11) — MARCVS.

Marca desaparecida: OF MAR. C. I. L. II Supl. p. 1014, n.º 4970, 296.

De La Graufesenque ou Montans da época de Flávio. Comparar com marca igual de Tarragona. C. I. L. II, p. 674, n.º 4970, 296; Déchelette, I, p. 285; Oswald-Pryce, p. 82.

12) — MOMMO.

Marca inédita: OF MOM... (?), por leitura de fotografia de M. Sarmento (fig. 1, 8); muito danificada, segundo o Sr. Cap. M. Cardozo que a identificou pela fotografia. Para o Sr. Cap. M. Cardozo é a marca: OF M... VBI, publicada no C. I. L. II Supl. 6257, 111.

Comparar com cinco marcas encontradas em Tarragona. C. I. L. II, 4970, 330.

A *officina* do oleiro rutenos *Momo* ou *Mommo* trabalha de Cláudio a Vespasiano (séc. I), e já estava em plena actividade em 79 de J. C. pois se encontram os seus produtos em Pompeios. Déchelette, I, p. 80, 84, 89, 99, 100, 287, etc.; Walters, M 28, 68, 828-830, 952, 953, 99 e Oswald-Pryce, p. 53, etc.; Dr. Félix Oswald, *Margidunum*, p. 46, Nottingham. s. d.

13) — RASINIVS.

Marca existente no Museu: RASIN, tendo as duas últimas letras ligadas (fig. 1, 9). Cf. C. I. L. II Supl.,

p. 1014, 4970, 421, h, e fotografia de M. Sarmiento. Para o Sr. Cap. M. Cardozo esta marca é a mesma que F. CASN... publicada no *C. I. L. II Supl.* 6257, 39.

O Sr. Dr. Leite de Vasconcelos registou a marca arretina CELER RASIN de Alcácer do Sal, n.º *O Archeólogo Português*, IV, 108. No *C. I. L. II*, 4970, 421, a-m, veem reproduzidas treze marcas de *Rasinius*, encontradas em Tarragona, entre elas a designada com a letra h igual à de Briteiros.

Comparar ainda com marcas de Bir-el-Djebbana e de Sussa: R. P. Delattre, *Musée Lavigerie etc.*, II, p. 97, est. XXV, 3 e Dr. Vercoutre, *Rev. Archéologique*, 3.º série, III, 1884, p. 16 segs. Segundo o Sr. Dr. F. Oswald a marca RASN encontra-se também em Amiens, e OF. RASINI retrógrada em Mainz.

Vários escravos dos oleiros arretinos *Rasinius* (séc. I a. J. C.) acabaram por imitar produtos gauleses. Déchelette, I, p. 114 e 114-116. Oswald-Pryce, p. 154.

14) — SILVIUS.

Duas marcas desaparecidas: OII. SILVI e OII. SILV. *C. I. L. II Supl.* p. 1021, n.º 6257, 183 a-b. Li a primeira numa fotografia de Martins Sarmiento (fig. 1, 11).

Comparar com três marcas de Tarragona, entre elas OII. SILVI. *C. I. L. II*, p. 679, n.º 4970, 491; com OF SILVI encontrada em La Graufesenque pelo Ab. Cérés. Déchelette, I, p. 85; e outra igual encontrada em Londres. Walters, p. 183, M 899-900 e ainda p. 190, M 973 e M 901-902.

O oleiro ruteno *Silvius* produziu de Domiciano a Trajano (81-117 de J. C.). Oswald-Pryce, p. 124.

De outro oleiro de La Graufesenque, *C. Silvius*, encontrou-se uma marca em Azinhal. *C. I. L.*, II Supl., 6258, 5.

15) — SVAVIS (?).

Marca desaparecida: OF SVAV, as duas últimas letras ligadas. *C. I. L. II Supl.* p. 1021, n.º 6257, 187.

Comparar com *C. I. L. II*, 4970, 497-500.

16) — TETTIVS (?).

Marca existente no Museu: TETIVS | ... Foi publicada invertida no *C. I. L. II Supl.* 6257, 2 como

11. | **C. ACILI**, como concluiu o Sr. Cap. M. Cardozo por confrontação com uma fotografia de M. Sarmento, por onde foi feita a nova leitura (o P é duvidoso e o primeiro T está falhado).

No *C. I. L.* II, 4970, 456-511 e II Supl., 6257, 143 reproduzem-se várias marcas de *L. Tettius* e *C. Tettius*. Em Alcácer do Sal apareceu também um vaso de *L. Tettius*. Dr. J. Leite de Vasconcelos, *O Archeólogo Português*, IV, p. 108.

O Sr. Dr. Félix Oswald considera esta marca inédita, comparando-a com TETIVS, que aparece na forma 5 de Ritterling.

17) — Marca desaparecida: VII ATA, publicada por M. Sarmento. *Rev. de Guimarães*, XXII, p. 121. Para o Sr. Cap. M. Cardozo é talvez uma marca de difícil leitura que se encontra noutra estante com as marcas ROO e SABINI.

18) — Marca provincial desaparecida: OII G... IIO. *C. I. L.* II Supl., 6257, 85.

19-22) — Três ou quatro marcas ilegíveis, provavelmente provinciais. Em duas fotografias de M. Sarmento parece ler-se: SABINIO (Sabinus de La Graufesenque, e Montans, Nero-Domiciano) e II NIBINI, como verificou o Sr. Dr. F. Oswald.

b) Monte da Searinha (Freixo).

Como consta de um inventário manuscrito anónimo, apareceram com outros no Monte da Searinha, da freguesia de Freixo (Marco de Canavezes), dois vasos de *terra sigillata* intactos, dentro de uma sepultura de incineração quadrangular forrada de tégulas.

O n.º 7 do inventário é um prato liso, sem marca, de 0,05 m de altura e 0,18 m de diâmetro, possivelmente de fabrico peninsular, visto não se encontrar nas estampas de Oswald-Pryce.

O outro vaso tem o n.º 8 e estava dentro do prato. Aproxima-se da forma 37 de Dragendorff, circundando-o dois frisos com rosetas de oito fôlhas e círculos

concêntricos, que se assemelham a ornatos da sigilata de Solsona (1).

c) Portalegre.

1) — Vaso liso da forma 33 de Dragendorff. Semelhante ao n.º 16 da est. LI (plain-form n. 11) de Oswald-Pryce. Na estampilha parece ler-se o nome do oleiro *Frontinus*, que trabalhou em La Graufesenque no séc. I (2).

2) — Taça semi-esférica de bôrdo curvilíneo, forma 35 de Dragendorff. Sem marca.

3) — Vaso do tipo anterior (0,095 m de diâmetro e 0,035 m de altura), tendo no bôrdo duas fôlhas cordiformes e no fundo a marca OF. SEGITRIT Φ (fig. 1, 12).

Um vaso com os mesmos ornatos e a marca OF.SECITRI, proveniente de Condeixa-a-Velha, foi por nós identificado no Museu de Machado de Castro (Coimbra).

A presença da letra grega Φ , rectificada pelo Sr. Cap. M. Cardozo, sendo estranha, não é inédita em marcas figulinas desta natureza, como se pode ver consultando o *Corpus*.

Por informação do Sr. Dr. Félix Oswald esta marca é absolutamente desconhecida, o que a faz supor proveniente de uma oficina lusitana ou ibérica, ou então da associação de *Secundus* e *Tritus*.

4) — Vaso com os ornatos do anterior mas sem estampilha (0,075 m diam. x 0,032 m de alto).

Os três últimos vasos são de fabrico provincial, provávelmente do séc. I (3).

(1) Serra Vilaró — *Ob. cit.*, est. VIII-IX.

(2) Déchelette, I, p. 83; Oswald-Pryce, p. 58.

(3) Oswald-Pryce, p. 192 e segs.; Deonna, p. 15.

d) S. Torquato (Guimarães).

Bôrdo de vaso com pequenos sulcos paralelos.

Fragmentos de uma imitação provincial, de verniz amarelado com ornatos incisos e uma pequena máscara em relêvo (¿ não será de Briteiros, donde há outra máscara no Museu?).

e) Proveniência desconhecida.

Talvez do norte do País. Uma estampilha de difícil leitura e outra com $\rho\omega\omega$, tendo o ω um ponto central, característico, segundo Dragendorff, das oficinas gaulesas ⁽¹⁾.

O Sr. Cap. Mário Cardozo julga que a marca de difícil leitura será a publicada por Sarmiento ⁽²⁾: VII ATA, como de Briteiros; e junto encontrou outro fragmento com SABINI (Sabinus de La Graufesenque e Montans, Nero-Domiciano).

Pôrto. Junho. 1929.

R. DE SERPA PINTO.

⁽¹⁾ Dragendorff — *Ob. cit.* p. 106.

⁽²⁾ M. Sarmiento — *Rev. de Guimarães*, XXII, p. 121.